

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E OS JOGOS PARALÍMPICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONVERSANDO E REGISTRANDO...

Arina Costa Martins Cardoso

Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ-FFP, Brasil

arina.nina@gmail.com

RESUMO

Esse trabalho expõe um projeto desenvolvido com alunos de cinco e seis anos em uma turma de GREI 5 A, na UMEI Portugal Pequeno (Niterói-RJ), na qual sou professora. No segundo semestre de 2016, trabalhamos com um projeto sobre diversidade e inclusão tomando como elemento motivador os Jogos Paralímpicos 2016. As atividades se davam principalmente a partir de imagens selecionadas, conversas e registros. Destacamos, para além da questão da competição, o caráter de superação e determinação presente na postura dos atletas paralímpicos considerando as dificuldades que a sociedade lhes impõe, dando enfoque especial ao trabalho de sensibilização das crianças ao outro e às diferenças. Trabalhamos os jogos na perspectiva histórica, os símbolos olímpicos e paralímpicos a partir de livros infantis, imagens, vídeos e brincadeiras. O objetivo do projeto era trabalhar o tema da Inclusão a partir das narrativas das crianças, das vivências em sala de aula, e de vídeos e imagens dos jogos paralímpicos. Construindo com Lego as quadras de diferentes esportes, um *Storyboard* (roteiro de animação) e produzindo com as crianças um vídeo com técnicas de *stop motion* retratando os esportes escolhidos pelo grupo. O produto final foi um vídeo intitulado: "Pequenos Atletas nos Jogos Paralímpicos 2016".

Palavras-chaves: Narrativas, Imagem, Tecnologias da Informação e Comunicação, Educação Infantil, Jogos Paralímpicos 2016.

"Educar não é apenas ensinar, mas criar situações de aprendizagem nas quais todos os aprendentes possam despertar, mediante sua própria experiência o conhecimento"
(ASSMANN, 2001)

- O Diego! O Diego é especial.

- Ele não sabe falar. Mas, ele vai aprender, tia.

- Mas, a gente entende ele. Ele chora, ele ri com a gente e a gente se abraça.

(Destaque de algumas falas em conversa com crianças de cinco e seis anos sobre 'O que é pessoa com deficiência' na visão e linguagem usada por elas. Aqui, elas identificam uma das crianças do grupo, Diego, uma criança com autismo como sendo uma dessas pessoas)

"Ai tia!!! Ele me bateu! Acho que ele não quer ser mais meu amigo..."

(Fala de uma das crianças sobre Diego após um momento de conflito)

Em outro momento...

- Ai, professora! A cabeça dele é diferente.

Nesse momento, após ver um dos colegas com deficiência que passou por uma série de cirurgias corretivas, Carol corre e se esconde atrás de mim.

Conversar é preciso, trocar é necessário. Aqui nesse trabalho as conversas e trocas se fazem com crianças pequenas de cinco e seis anos de idade na Educação Infantil. Aproveitamos, como motivador das discussões, um evento mundial, as Paralimpíadas de 2016. Após as Olimpíadas que foram amplamente cobertas pela mídia brasileira, resolvemos destacar

1. Utilizo nesse texto nomes fictícios para as crianças participantes da pesquisa.

as Paralimpíadas, que, diferente da primeira, recebeu bem menos cobertura, importância e repercussão na mídia nacional. Escolhemos esse evento justamente para falar sobre diferença, inclusão e exclusão. Desde o início nos questionamos o porquê deste evento não ter “merecido” a mesma repercussão do evento que o antecedeu.

Em nossa escola, UMEI Portugal Pequeno, uma escola pública que faz parte da rede do município de Niterói - RJ, buscamos como uma constante ampliar as discussões sobre a diferença, sobre o outro, sobre incluir, sobre respeito, por isso, nós professores vimos nas Paralimpíadas uma excelente oportunidade de fomentar ainda mais as discussões e o aprendizado das crianças, de pais e professores. Como em toda escola, nosso público é diverso, e as diferenças geram riquezas, mas também tensões. Praticamente em todas as turmas temos uma ou mais crianças ‘chamadas’ com deficiência. Nas tensões do dia a dia percebemos a necessidade de compreender melhor a necessidade do outro, respeitar sua diferença e garantir-lhe pertencer e ser sujeito nesse espaço comum que é a escola.

Nesse trabalho, apresento um recorte do projeto, relatando as experiências que aconteceram na turma em que fui professora regente em 2016, GREI-5-A (Grupo de Referência de Educação Infantil com crianças de cinco anos) com a parceria de duas professoras de apoio, Maria Magnólia e Carla Serpa, que estiveram em momentos diferentes do ano letivo apoiando nossa turma, uma vez que tínhamos uma criança com autismo incluída, a quem me refiro, nesse texto, com o nome fictício de Diego.

Esse trabalho é sobre discutir o “estar junto” entre alunos, professores, pais. É sobre sensibilização. Converso com Skliar para pensar sobre o *estar junto*, sobre sensibilidade... Afinal, Inclusão,

(...) não se trata apenas de proclamar políticas de acesso universal às instituições, quanto à entrada irrestrita de todas as pessoas com deficiência nas escolas, mas também, e no mesmo ato, criar um pensamento e uma sensibilidade relacionados ao que significa estar juntos, o “para que” desse estar juntos, qual o conceito desse estar juntos.” (SKLIAR, 2015, p.5)

Nosso projeto sobre as Paralimpíadas, teve um recorte especial no GREI-5-A, aliando o trabalho com a imagem e a utilização de recursos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como forma de desenvolvimento e registro de todo o trabalho. Mas, como os demais, desenvolvidos nas outras turmas de nossa escola, tratava sobre essa Sensibilidade. E uma questão se colocava para todos nós, professores de crianças pequenas de dois a cinco anos: Como discutir com crianças pequenas esse tema complexo da diferença e da inclusão?

Diante dessa questão, escolhemos traçar um caminho que partia da valorização do olhar da criança sobre o que nós mesmos vivenciávamos a partir de nossas diferenças. Uma escola com tantas pessoas e crianças, convivendo com cadeiras de rodas, pais surdos, crianças mais caladas, outras com a saúde muito frágil, outras mais agitadas e que respondem de modo mais impulsivo, aparências físicas diferentes.... entre tantos outros.

Iniciamos nosso trabalho a partir e com as narrativas das crianças conversando com elas, valorizando a leitura delas sobre seu entorno, seu estranhamento natural, suas indagações, suas percepções. Discutindo, conversando, ampliando, construindo e desconstruindo. Tecendo conhecimentos a partir dessas leituras e, também, perguntas. Trabalhando as narrativas e nos aproximando dessas como personagens conceituais e os acontecimentos como nossos intercessores (Deleuse e Guatarri) que nos ajudam a pensar nossas vivências, conflitos e indagações.

O Personagem Conceitual precisa de um território próprio e de uma linguagem igualmente particular, onde, só inserido aí, ele faz sentido. Esse território e linguagem serão compostos pelo universo de conceitos criados pelo filósofo. Porém, linguagem (os conceitos) e território (plano) nada são senão um campo infértil se aí não habitar aquele que irá transitar e falar nesse universo. (PIMENTEL FILHO, 2010, p. 183)

As crianças olham ao seu redor, leem à sua maneira, interpretam o que veem. Não puramente ou de modo neutro, mas já, desde pequenas, influenciadas pelo meio onde transitam. Desta forma, buscamos trazer à tona as percepções das crianças, identificar essas influências que estão expressas de modo nada simples em suas narrativas e reações. Com cuidado e atentos pois,

sabemos que se as lembranças e as narrativas que contam, uns e outros, são diferentes umas das outras, elas se dão em contextos históricos, sociais e culturais que permitem à pesquisadora compreender um pouco melhor aquele entorno e as relações entre *praticantes* que neles estão ou estão nos contando algo sobre as mesmas. (ALVES, 2008)

Cito aqui algumas dessas narrativas, em torno do tema que destacaremos: diferença e inclusão, para pensarmos nossas vivências. Como a citação que fiz no início deste texto em uma de nossas conversas:

- O Diego²! O Diego é especial.

Interessante que essa criança, ao ser indagada, na ‘Rodinha’³ se existe alguma criança com deficiência em nosso meio associa “naturalmente” a palavra “especial” a uma das crianças com deficiência do grupo: Diego, uma criança diagnosticada com autismo.

2. Nome fictício que utilizo aqui para preservar sua identidade.

3. Rodinha é como costumamos tratar na Educação Infantil a disposição circular dos alunos e professores em torno de uma discussão, é o momento privilegiado de trocas de experiências, de embates de ideias e de aprendizado.

Ou ainda,

-*"Ai tia!!! Ele me bateu! Acho que ele não quer ser mais meu amigo..."*

Quando um colega acredita que Diego não quer ser seu amigo por que em um momento de conflito teve uma resposta mais impulsiva.

E também,

-*"Ai, professora! A cabeça dele é diferente."*

O grande estranhamento de uma aluna, que corre pra atrás de mim e se esconde, ao ver o colega que tem uma aparência diferente devido às cirurgias pelas quais passou.

O que se buscou nesse trabalho foi, a partir das narrativas das crianças, da construção de jogos e brincadeiras, de momentos de histórias, vídeos, e da construção de uma narrativa não verbal utilizando a linguagem da animação com a construção de vídeos com a técnica de stop motion⁴, discutir concepções, ideias, preconceções, impressões... Comparar, indagar... e, com conversas, brincadeiras e registros feitos com fotos e vídeos, começar a perceber o outro, diferente, de um outro modo. De um modo mais igual. Igual no sentido de equidade, não de alguém com sua diferença negada, mas alguém com direito de ser diferença e, por isso, igual a mim. Importante como todos, pertencente ao mesmo espaço e tempo. Que deve ser ouvido e visto, que deve fazer parte... Mais que isso! Que deve "estar junto". Que deve ser ele onde estiver, expressar suas leituras, construir suas impressões e conhecimentos.... *"temos uma responsabilidade com o outro, com sua expressão, com sua irredutibilidade, com seu mistério."*(SKLIAR, 2002, p. 4)

Um OUTRO como Diego, por exemplo. Que se expressa de seu modo, pouco verbal, muito corpóreo. Diego foi matriculado em nossa escola em 2016 e teve um pouco de dificuldade no início de sua adaptação, não conseguia ficar no mesmo ambiente de muitas crianças, tinha dificuldade para participar da rotina em sala... Mas aos poucos, com afetos, como sensibilidade na relação, com o trabalho pedagógico desenvolvido, foi se sentindo cada vez mais à vontade no grupo, em nossa sala de aula, a ponto de demonstrar isso ao seu modo corpóreo: com carinhos e abraços contagiantes nos colegas.

Uma OUTRA como Luma⁵, que sempre teve muita dificuldade para se relacionar com os colegas, se envolvia em muitos conflitos por espaço e brinquedo, reagindo, em geral, de maneira impulsiva. Mas que encontrou em Diego um amigo, alguém que incrivelmente quebrou sua irritação e atingiu sua sensibilidade de um modo que pouco se pode explicar, mas sim, sentir... Luma começa, a partir dessa amizade, a abraçar, a beijar a expressar seus sentimentos, a chorar e buscar no outro um amigo ao invés de alguém com quem disputa, a todo tempo, espaços e brinquedos.

Em uma tentativa de não ficar somente no que está posto, no que foi mastigado, valorado e entregue pela sociedade a todos desde pequenos para que pensem de forma natural sem criticar, sem se posicionar, é papel da escola buscar caminhos para a produção de outros olhares. Estimular outros sentidos, questionar o que se pensa, o que está posto. Buscando não uma verdade absoluta, mas formas de se pensar a diferença, a inclusão num espaço-tempo em que se pense a diferença, em que se viva a diferença, mesmo em meio a tensões – as diferenças, o pensamento diverso, não são harmônicos, geram tensões, e essas tensões geram novas formas de pensar e interagir.

As discussões sobre diferença e inclusão no espaço da escola regular buscam a minimização de toda e qualquer forma de exclusão no espaço educacional e, que desse modo, se possa ter a elevação do nível de participação individual e coletiva de cada um dos alunos. Pode-se então dizer que "as propostas inclusivas são revolucionárias, pois almejam, *incondicionalmente*, uma estrutura social menos hierarquizada e excludente, tendo como base o argumento de que todos temos o mesmo valor, pelo simples fato de sermos humanos". (Santos e Paulino, 2008, p.12, itálico no original)

Somos seres humanos e temos por condição de nossa existência e natureza a diferença. Pensamos, falamos e agimos no mundo de formas diferentes, até por que, nos apropriamos deste de modos também diferentes. "Como seres humanos nossa dignidade depende substancialmente da diversidade da alteridade(...) por que precisamos garantir o caráter subjetivo de nossa individualidade" (Carvalho, 2004, p.10). Por isso a necessidade indispensável das discussões sobre diferença e inclusão desde a Educação Infantil.

A vida real é composta de pessoas singulares, vivendo a diferença, a escola também, e as crianças pequenas não estão fora desta realidade. Desde pequenas participam das tensões que a sociedade gera a partir de conceitos e valores predefinidos sobre as diferenças entre as pessoas, tensões essas geradas desde os espaços micro onde essas crianças circulam como em

4. Stop Motion pode ser traduzido como 'movimento parado', parece uma brincadeira juntar duas palavras que se anulariam, certo? Mas trata-se de uma técnica que provoca uma ilusão de movimento dada a imagens estáticas: *"é uma técnica que utiliza a disposição sequencial de fotografias diferentes de um mesmo objeto inanimado para simular o seu movimento. Estas fotografias são chamadas de quadros e normalmente são tiradas de um mesmo ponto, com o objeto sofrendo uma leve mudança de lugar, afinal é isso que dá a ideia de movimento. Cientificamente falando, o Stop Motion só é compreendido como movimentação pelo fenômeno da Persistência Retiniana. Ele provoca a ilusão no cérebro humano de que algo se move continuamente quando existem mais de 12 quadros por segundo. Na verdade, o movimento desta técnica cinematográfica nada mais é que uma ilusão de ótica."* (CIRIACO, 2009)

5. Nome fictício para preservar-lhe a identidade.

suas famílias, bairro e escola. Isso fica claro nos discursos trazidos pelas crianças até a escola, nos conflitos vividos entre elas e na relação entre elas e os professores.

Em nosso projeto, tratamos de diferença não no sentido diferencialista do termo, que rotula o outro enquanto diferente da normalidade instituída e aceita.

(...) “diferencialismo”, ou seja, uma forma de categorização, separação e diminuição de algumas marcas identitárias vinculadas ao vasto e caótico conjunto das diferenças humanas. As “diferenças”, sejam elas quais forem, não podem nunca ser descritas como melhores ou piores, superiores ou inferiores, boas ou más, normais ou anormais, etc. (SKLIAR, 2014, p. 25)

Trabalhamos, por sua vez, a diferença como valor e não como indicação de anormalidade, a diferença enquanto condição humana de existência, da diferença que pode ser percebida, tocada e enunciada, em especial, pela própria criança em seus discursos. Sobre isso conversei um pouco mais com Skliar...

A diferença está **entre** sujeitos, não no interior ou na natureza de um sujeito. E essa é uma mudança paradigmática que, em meu juízo, ainda não fizemos: uma transformação ética que desloque o olhar sobre sujeitos assinalados como diferentes, e passe a ser um olhar sobre nós mesmos, sobre aquilo que acontece – pedagogicamente – **entre nós**. (SKLIAR, 2014, p. 26, grifos meus)

E o que acontece entre nós? Como vivenciamos essas discussões e construímos nossas impressões e pensamentos na Educação Infantil. De que forma vivemos as diferenças? Com que lentes olharemos para essas diferenças? De que forma o mundo nos passa e nos toca (LARROSA, 2002)? Esse “entre nós”, o que nos toca e é vivenciado por nós precisa ser pensado, refletido...

Dessa forma, destacamos nesse trabalho também uma realidade que é muito vivida hoje, desde a mais tenra idade: o contato com a tecnologia e o papel da imagem em nosso dia a dia. Em minha prática observo o fascínio que alguns recursos tecnológicos exercem sobre os pequenos e busco inserir alguns desses recursos também no cotidiano da sala de aula.

A presença cada vez maior da imagem e as transformações tecnológicas recentes mudaram a forma de vermos o mundo e de nos relacionarmos com este e isso é vivido pelas crianças desde pequenas em seus cotidianos. Desde pequenos, essa geração estabelece uma relação com as coisas ao seu redor mediadas pela tecnologia. Fazem parte do universo e vocabulário infantil, termos e componentes tecnológicos que até dez anos atrás seriam improváveis de pensarmos. Elas transitam em meio a termos como deletar, curtir, postar, *touchscreen*, baixar, utilizam e possuem aplicativos de bichinhos de estimação, jogos de realidade aumentada, *tablet*, *vlog*, canal no *Youtube*, entre outros.

Vivemos em meio à revolução tecnológica, em constante transformação, nesse cenário muita coisa se modifica incluindo também as formas de aprender, como trata Assman:

(...) as novas tecnologias têm um papel ativo e co-estruturante das formas do aprender e do conhecer. (...) A construção do conhecimento já não é mais produto unilateral de seres humanos isolados, mas de uma vasta cooperação cognitiva distribuída, da qual participam aprendentes humanos e sistemas cognitivos artificiais. Isso implica modificações profundas na forma criativa das atividades intelectuais. (ASSMANN, 2000, p.10 e 11)

Diante desse quadro de transformações cada vez mais rápidas influenciando nas formas de aprender, na visão de mundo e nas formas de se relacionar, surge a necessidade de incluir e ampliar, na sala de aula, o uso da imagem e das novas tecnologias como parceiras nos processos de ensinar. Ampliando e ressignificando temas, discussões e projetos de trabalhos que desenvolvemos na Educação Infantil.

Hoje, cada vez mais, e cada vez mais cedo aprendemos “*não apenas a conviver com as imagens, mas também a pensar com as imagens e a construir com elas uma civilização complexa e instigante*” (MACHADO, 2001, p. 32). Podemos pensar em uma “*linguagem da imagem*” (idem, *ibidem*), que expressa realidades, que comunica, ensina, conversa, não apenas ilustra e exemplifica.

O erro maior seria tomá-las (as imagens) por meros auxiliares didáticos ou ilustrações cômodas, pois, ao contrário, elas constituem um instrumento heurístico privilegiado: não um embelezamento, uma simplificação ou ainda um recurso pedagógico de difusão facilitada, mas uma verdadeira reescrita, capaz, ela própria, de transformar o universo e de reinventá-lo. (DAGOGNET, 1973, apud MACHADO, 2001, p. 25)

Em meio a tantos avanços tecnológicos e a tanta informação o papel do professor se modifica, este assume um papel de mediador, alguém que orienta os alunos a como colher, tratar e como utilizar a informação e os recursos tecnológicos.

No tocante à aprendizagem e ao conhecimento, chegamos a uma transformação sem precedentes das ecologias cognitivas, tanto das internas da escola, como das que lhe são externas, mas que interferem profundamente nela. As novas tecnologias não substituirão o/a professor/a, nem diminuirão o esforço disciplinado do estudo. Elas, porém, ajudam a intensificar o pensamento complexo, interativo e transversal, criando novas chances para a sensibilidade solidária no interior das próprias formas do conhecimento. (ASSMANN, 2000, p. 07)

A imagem, o som, as cores e as formas trazidas pelos recursos tecnológicos atuais, inegavelmente atraem a atenção dos pequenos, aguçam sua curiosidade por conhecer, tocar, manipular e também produzir. Contudo, também é necessário não estar ingênuos diante das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) e o professor tem um papel chave nesse sentido. Precisamos exercitar nossa criticidade em relação à vultuosidade de informações e inovações que chegam cada vez mais rápido até nós.

(...)uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. Curiosidade com que nos podemos defender de “irracionalismos” decorrentes do ou produzidos por certo excesso de “racionalidade” de nosso tempo altamente tecnologizado. Mas não vai nesta consideração nenhuma arrancada falsamente humanista de negação da tecnologia e da ciência. Pelo contrário, é consideração de que, de um lado, não diviniza a tecnologia mas, de outro, não a diaboliza. De quem a olha ou mesmo a espreita de forma criticamente curiosa. (FREIRE, 2000, p. 48)

Nesse sentido, o diálogo com a tecnologia vem enriquecer nossas discussões, vem cooperar com nosso olhar e com o registro de nossas conversas e pensamentos. E nos dá ainda uma nova oportunidade: para além de absorver e consumir informações dadas, dá-se o desafio de que alunos e professores, através da produção de vídeos, sejam também autores e produtores da informação e das mídias que queremos consumir na escola.

Em 2016 algo mundialmente importante aconteceu, as Olimpíadas do Rio e, em seguida, as Paralimpíadas, mas ambas tiveram efeitos diferentes sobre nossas tevês, jornais e atenção do público em geral. O que chamou muito a atenção dos professores de nossa escola, e inclusive de alunos, foi a pouca ou quase nenhuma cobertura da mídia em relação às Paralimpíadas.

As crianças, que passaram o recesso escolar ao lado de seus pais vendo a cobertura integral que a mídia deu às Olimpíadas, tanto na TV aberta como na fechada, perguntavam, a partir das brincadeiras e discussões que tínhamos em sala sobre os jogos Paralímpicos: quando ia passar o *GoalBall*? Ou o *Vôlei Sentado* na TV para que pudessem também ver em casa? Diante desse questionamento não tínhamos respostas rápidas e prontas. Sentimos o quão excludente estava sendo tratado um evento que pretendia marcar a inclusão de todos no esporte.

Enquanto professores, buscamos na internet imagens dos jogos e vídeos que pudessemos baixar, mostrar a nossos alunos e discutirmos com eles em sala. Nem tudo encontrávamos com facilidade, mas era necessário. Queríamos destacar aquele evento como algo importante e queríamos, através desse evento, enriquecer nossas discussões sobre Inclusão. Queríamos trazer elementos concretos como imagens de fotos e vídeos dos jogos, reproduzir no espaço da escola diferentes modalidades paralímpicas com nossos alunos. Brincar de ser atleta, experimentando com o corpo e assim poder trabalhar ainda mais a sensibilidade na escola.

Algo que percebemos era que o que estávamos fazendo, o caminho que estávamos começando a trilhar, significava a escola produzindo a informação que ela mesma queria consumir. Diante da ausência de informação na mídia aberta (que é a TV, a qual nossos alunos da escola pública, em sua maioria, têm acesso) buscamos, nós mesmos, aquilo que gostaríamos que fosse notícia para nós na escola.

Refletir criticamente diante do bombardeio de informações que recebemos todos os dias (selecionadas de forma nem um pouco neutra) é algo difícil, mas um exercício a ser praticado por nós e que devemos estimular em nossos alunos dentro da escola. Destaco aqui, novamente, Paulo Freire, que em um tempo tecnologicamente bem diferente de hoje questionava as verdades trazidas pela mídia:

Como desocultar verdades escondidas, como desmitificar a farsa ideológica, espécie de arapuca atraente em que facilmente caímos. Como enfrentar o extraordinário poder da mídia, da linguagem da televisão, de sua “sintaxe” que reduz a um mesmo plano o passado e o presente e sugere que o que ainda não há já está feito. Mais ainda, que diversifica temáticas no noticiário sem que haja tempo para a reflexão sobre os variados assuntos. De uma notícia sobre Miss Brasil se passa a um terremoto na China; de um escândalo envolvendo mais um banco delapidado por diretores inescrupulosos temos cenas de um trem que descarrilou em Zurique. (FREIRE, 2000, P. 49)

Então, mergulhados nessa riqueza múltipla, de uma escola que vive e respira a diferença com suas tensões e descobertas; da necessidade de discutir sobre Inclusão e Diferença no espaço escolar; de um evento como as Paralimpíadas que precisava ser também visto de forma não natural e discutido; em um contexto de cobertura da grande mídia bem diferente, com pouca informação que poderia nos ajudar no desenvolvimento da proposta; no diálogo com as novas tecnologias, que exercem grande fascínio nas crianças... Foi nessa multiplicidade que nosso projeto nasceu e se desenvolveu.

Iniciamos nosso trabalho com as crianças na perspectiva histórica, destacamos imagens, apresentamos aspectos importantes da história das Olimpíadas e das Paralimpíadas como os símbolos, como surgiram, curiosidades, entre outros. A cada etapa do projeto, antes, durante e depois, na rodinha, discutíamos o que era vivenciado. A “Rodinha”, como costumamos tratar na Educação Infantil a disposição circular dos alunos e professores em torno de uma discussão, é o momento privilegiado de trocas de experiências, de embates de ideias e de aprendizado.

Imagem 01: Rodinha



Destacamos, o atleta paralímpico como um atleta em si, independente da deficiência que possua, buscando uma definição não marcada apenas pela deficiência. Além disso, destacamos também o caráter de superação e determinação presente na postura dos atletas considerando as dificuldades que a sociedade lhes impõe.

Como motivador do projeto fizemos uma pesquisa literária infantil e selecionamos imagens e vídeos que pudessem contribuir na construção do projeto.

Principal Literatura Infantil trabalhada:

"A Viajem da chama Olímpica" de Mirna Brasil Portella

"Clara e a Olimpíada de 2016" de Ilan Brenman

"Agora é comigo: Compreendendo a Deficiência Motora" Manoel Filho

Vídeos sobre o tema:

"Pateta, O Campeão Olímpico"

"Chaves em desenho animado: As Olimpíadas"

"Turma da Mônica: Jogos Olímpicos"

"We're The Superhumans | Rio Paralympics 2016"

"Mais forte que as Muralhas" – Banda Fresno

Diferentes recortes das transmissões dos jogos Paralímpicos.

Interessante que, entre os livros e vídeos infantis, separamos dois vídeos não infantis: *"Mais forte que as Muralhas"* da banda Fresno e *"We're The Superhumans / Rio Paralympics 2016"*, a propaganda oficial das Paralimpíadas, um vídeo em inglês. Nos surpreendemos ao observar que os alunos de 05 e 06 anos gostaram mais desses vídeos que dos outros. A partir do que viram e ouviram nesses vídeos as discussões, as dúvidas e as opiniões se intensificaram ainda mais. O vídeo da Banda Fresno, por exemplo, eles apelidaram de "o vídeo triste" e fizeram muitas perguntas sobre as histórias retratadas no vídeo, sobre como esses atletas conseguiam fazer coisas incríveis, o como aquelas pessoas eram diferentes. Mas não diferentes porque não tinham uma perna ou braço, mas como corriam, nadavam, remavam, jogavam, andavam de skate, se locomoviam habilidosamente.

O vídeo *"We're The Superhumans"* foi uma festa, eles adoraram. É um vídeo muito divertido com dança, música, acrobacias, todas feitas com pessoas com algum tipo de deficiência. O vídeo não vela a deficiência, mas a mostra, a revela, brinca... Interessante que, para as crianças, aos poucos, muitas coisas foram se tornando bem naturais. Eles pediam e repetiam constantemente que queriam rever esses vídeos, depois de um tempo já cantavam "Yes I Can, Yes I Can...", obviamente trabalhamos o sentido dessas palavras com eles.

- "Tia, eu queria não ter uma perna.... Por que eu queria ser super-humana como eles, correr super-rápido. Eu também queria ser especial..."

Encontrei Bruna⁶ em um canto parada e pensativa, então perguntei: *O que houve? Por que você está com essa carinha?* O que obtive como resposta foi a fala destacada acima. De início me espantei. Nossas primeiras discussões sobre as diferenças geravam estranhamento nas crianças. Ao longo do trabalho, a forma como elas começaram a ver o outro, o amigo próximo com deficiência, os atletas com deficiência e personagens de histórias, foram se modificando. Um sentimento de admiração pelo

6. Nome fictício.

atleta, tanto o olímpico quanto o paralímpico (independente da deficiência) cresceu. Elas brincavam de ser também atletas, misturando modalidades tanto paralímpicas quanto olímpicas, colocando em suas brincadeiras imaginárias, por exemplo, na mesma pista de corrida, atletas cegos e Usain Bolt competindo lado a lado.

Na fala destacada é possível observar diferentes influências: sociais, como no uso da palavra *especial*, que os próprios pais das crianças usam com elas ao se referirem aos amigos da escola com deficiência; influência do vídeo *We're The Superhumans*, propaganda das Paralimpíadas ao caracterizar os atletas numa perspectiva salvacionista como super-humanos. Esses pequenos elementos também foram alvos de discussões. Mas, importante destacar o que ficou evidente na fala deles, e dela, nesse texto destacado: um afastamento do espanto, do medo, para uma aproximação e identificação maior com o outro. Nesse caso, através da admiração direcionada a um atleta.

Interessante também foram os relatos de alguns pais de como seus filhos chegavam em casa e falavam do projeto, como eles cobravam seus pais para levarem para a escola os objetos que tinham sobre os jogos, para pegar e entregar várias vezes o Caderno de Registro⁷ com as pesquisas sobre os jogos com recortes, desenhos, escrita dos pais, das crianças...

Destaco aqui um caso em especial que uma mãe narrou. A mãe de uma das crianças estava programando-se para levar a filha em ao menos uma competição dos jogos das Paralimpíadas e estava decidindo em qual levá-la quando seu irmão, que também tem um filho pequeno, indagou:

- *Você vai levar a sua filha para ver um jogo desse?*
- *Sim, por que não?*
- *Você não tem medo dela ficar traumatizada? Ela é muito nova para ver essas coisas!*

A mãe ficou perplexa com a pergunta. Como assim? Ela e a filha estavam tão animadas com a ideia! Essa conversa trouxe à tona uma forma de pensar e ver as coisas que pra ela e para a filha já começava a soar estranho. O olhar que estavam construindo já começava a desmitificar e superar alguns dos estigmas comuns da sociedade.

No projeto tivemos momentos de vivenciar diferentes jogos, adaptados à nossa realidade como vôlei sentado, Futebol de Sete, *GoalBall* e Atletismo. Fizemos também outros jogos sensoriais trabalhando os cinco sentidos. Dessa parte Diego gostou muito, pois experimentou diferentes sensações com sons e materiais diversos. Infelizmente, Diego só participou de parte do projeto, pois no meio do projeto sua família se mudou para outra cidade. As crianças sentiram muita falta dele, em especial Luma, que havia iniciado uma amizade muito especial com ele. Essa amizade representou o início de uma nova forma também se relacionar com as outras crianças, como expus anteriormente no texto.

Imagem 02: Experimentando texturas com o tato e de olhos fechados



A partir das discussões e experiência houve a proposta de construirmos em nossa turma, com Lego e sucata, maquetes de diferentes esportes paralímpicos e produzirmos vídeos com a linguagem da animação, utilizando a técnica de stop motion. Para que as crianças pudessem compreender melhor o que seria um vídeo de animação com *stop motion* produzimos alguns brinquedos simples que trabalham com ilusão de movimento: Dobradinhas, Taumatrópios, *Flip Books* e Quadrinhos Mágicos.

7. Construimos com as crianças um caderno de registro sobre o projeto que eles deveriam levar para casa periodicamente, conversando com os pais sobre as descobertas feitas e registrar novas descobertas. Nesse caderno as crianças colavam os recortes de suas pesquisas, faziam desenhos, e seus pais também participavam ajudando na pesquisa de imagens e reportagens bem como registravam por escrito a fala de seus filhos durante a pesquisa. Não conseguimos obter a participação de todos os pais, mas de uma maioria significativa. Mas, a participação das crianças e o interesse era unânime o que gerava muitas descobertas e aprendizagens.

Imagem 03: Brinquedos que trabalham com ilusão de movimento construídos com as crianças.



Logo após, escolhemos os esportes que iríamos retratar em nossos vídeos: Natação, Atletismo para deficientes visuais, Atletismo para cadeirantes e Paracanoagem. Em seguida, prosseguimos para a fase de seleção dos materiais que seriam utilizados. Uma fase de muito planejamento e aprendizagem, selecionando legos por cores, formas, tamanhos, pesquisando materiais alternativos de sucata, cortamos, pintamos, colamos...

Imagens 04, 05 e 06: Construindo maquetes e cartazes



Organizamos uma oficina de Fotografia, trabalhando questões de perspectiva e olhar, bem como ensinando aos alunos como manipular a câmera digital que iríamos utilizar para a produção do vídeo. As crianças percorreram o espaço da escola escolhendo o que queriam registrar com a câmera.

Seguimos, então, ao planejamento de nosso vídeo. Construímos um texto coletivo em forma de roteiro com auxílio de imagens e desenhos: *Storyboard*. O *Storyboard* de nosso vídeo é uma das partes mais importantes do trabalho, é o planejamento da

narrativa a ser contada. Processo de construção lógica de um roteiro com início, meio e fim, respeitando a linguagem deles, mas num esforço de dar coerência e coesão ao texto produzido. Ilustrando com imagens e desenhos cada etapa de como imaginamos o vídeo de stop motion. Um storyboard tradicional não é muito ideal para trabalhar com crianças muito pequenas, sendo assim, tivemos que criar um novo formato para esse roteiro, mais dinâmico, mais concreto e visual, que permitisse uma maior e verdadeira participação das crianças.

Fizemos ensaios e discutimos sobre como deveriam ser feitas as fotos para que houvesse sequência de movimentos fluidos para nosso vídeo de stop motion.

Imagem 07: Construção coletiva do Storyboard com recortes, desenhos das crianças e registro das falas pela professora.



No dia da produção das fotos para o vídeo de animação montamos camarim, cenário, câmera e, enfim, produzimos as fotos utilizando a técnica de stop motion. As fotos foram produzidas com ampla participação das crianças, que movimentavam as peças, preparavam as mudanças de cenários, eram os fotógrafos, contrarregras, críticos...

Imagens 08 e 09: Produção das fotos para o vídeo



O produto final foi um vídeo intitulado: “**Pequenos Atletas nos Jogos Paralímpicos 2016**”.

No fim do projeto, vendo tudo o que construímos, ficamos imensamente satisfeitos – embora conscientes de que ainda há muito que se trabalhar e discutir sobre diferença, inclusão e exclusão. Mas, ficamos felizes e satisfeitos com cada descoberta, discussão, desafios aceitos e produções dos alunos e professores. Satisfeitos com as etapas vividas, experimentadas, sentidas... Muitas coisas nos tocaram, muitas coisas passaram por nós e deixaram suas marcas. As crianças ficaram muito animadas com as maquetes, com as fotos, com o vídeo que produzimos e pediam para ver e rever o vídeo repetidamente, cada uma levou para casa o registro de suas produções em um DVD.

No fim de tudo... penso ainda um pouco mais sobre tudo o que vivemos, e posso concluir (sem encerrar) que vivemos, durante o projeto, um momento rico e questionador em que alunos e professores puderam ser **autores do próprio conhecimento**.

Lembro mais uma vez de Paulo Freire e encerro esse texto citando-o:

(...) a finalidade de qualquer ação educativa deve ser a produção de conhecimentos que aumenta a capacidade de iniciativa transformadora dos grupos. (FREIRE, 1996)

Imagem 10: Comemoração Final



BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Nilda. **Lembranças em imagens**. In PASSEGGI, Maria da Conceição e BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (orgs) *Narrativas de formação e saberes biográficos*. Natal: EDUFRN; S. Paulo:Paulus, 2008: 175 – 195.
- ASSMANN, Hugo. **Metáforas Novas Para Reencantar a Educação** – Epistemologia e Didática. Piracicaba: Unimep, 2001.
- **A metamorfose do aprender na sociedade da informação** Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000
- CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva com os pingos nos is**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- CIRIACO, D. **O que é Stop Motion?** Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/player-de-video/2247-o-que-e-stop-motion-htm>. 2009. Acesso em: 05 de setembro de 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo. Ed UNESP. 2000
- **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin; Porto Alegre. Paz e Terra, 19 ed. 1996.
- LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>
- MACHADO, Arlindo. **O Quarto Iconoclasmo**. In: O Quarto Iconoclasmo, Marca D'Água Livraria e Editora, Rio de Janeiro, pgs 6-33, e 34-55. 2001
- PIMENTEL FILHO, José Eduardo. **Personagem conceitual, o filósofo e seu duplo**. In: Cadernos da Graduação, Campinas, nº 08, 2010
- SANTOS, P. S. & PAULINO, M. M. (orgs). **Inclusão em educação: culturas políticas e práticas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- SKLIAR, Carlos. **Incluir as diferenças? Sobre um problema mal formulado e uma realidade insuportável**. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 1 N. 1 – págs. 13-28 -2015.
- **É o outro que retorna ou é um eu hospeda? notas sobre a pergunta obstinada pelas diferenças em educação**. Texto apresentado na Sessão Especial da 25ª Reunião Anual da ANPEd. Caxambu-MG, out/nov, 2002

CURRÍCULO

Arina Costa Martins Cardoso

Mestranda do Programa De Pós-Graduação Em Educação - Processos Formativos E Desigualdades Sociais na Universidade do estado do Rio de Janeiro - UERJ-FFP. Atua como Pedagoga e professora nas redes públicas dos municípios de Niterói e São Gonçalo - RJ/Brasil